

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GIOVANNA DINORAH MACEDO

“TREINANDO PARA SER PROFESSORA”: RELATOS AUTORREFERENTES SOBRE
AS EXPERIÊNCIAS NA PRÁTICA DE ENSINO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

CURITIBA

2023

GIOVANNA DINORAH MACEDO

“TREINANDO PARA SER PROFESSORA”: RELATOS AUTORREFERENTES SOBRE
AS EXPERIÊNCIAS NA PRÁTICA DE ENSINO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Monografia apresentada como requisito para conclusão de curso em Licenciatura em Educação Física, Departamento de Educação Física – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

Prof. Dr. Sergio Roberto Chaves Júnior

CURITIBA

2023

TERMO DE APROVAÇÃO

GIOVANNA DINORAH MACEDO

“TREINANDO PARA SER PROFESSORA”: RELATOS AUTORREFERENTES SOBRE
AS EXPERIÊNCIAS NA PRÁTICA DE ENSINO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Prof. Dr. Sergio Roberto Chaves Júnior

Orientador – Departamento de Teoria e Prática de Ensino - UFPR

Prof.^a. Dr.^a. Vera Luiza Moro

Banca examinadora- Departamento de Educação Física - UFPR

Curitiba, 28 de fevereiro de 2023.

Dedico esta, bem como todas as minhas demais conquistas, ao meu amado filho Davi Lucca e minha querida irmã, Ana Luiza. E também a minha querida Avó Geni de Lima (in memoriam), que nos deixou durante a apresentação dessa monografia, mas fez tanto por mim ao longo da sua vida;

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus por ser meu refúgio e me dar forças para perseverar e concluir meu trabalho diante de toda dificuldade.

A Jesus Cristo, por ser minha maior fonte de fé e perseverança, colocando pessoas certas em meu caminho para cumprir meu propósito.

A minha família e amigos por todo apoio e incentivo.

Pela oportunidade de ter estudado na Universidade Federal do Paraná, concretizando um sonho e tendo o privilégio de ter minha graduação com professores que são uma referência e me fizeram amar ainda mais a Educação Física.

A Prof.^a Dr.^a Vera Luiza Moro pelo privilégio e disponibilidade de tê-la em minha banca examinadora.

Agradeço por fim, meu orientador, Prof. Dr. Sergio Roberto Chaves Junior por todo suporte, empatia e compreensão ao me auxiliar na realização deste trabalho, pois sem o mesmo nada disso teria sido possível.

*“Consagre ao SENHOR
tudo o que você faz,
e os seus planos serão bem-sucedidos.”*

Provérbios 16:3

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso surge motivado pelas experiências docentes desenvolvidas na Prática de Ensino em Educação Física ao longo do ano letivo de 2022. Por meio de um estudo autorreferente, apresento conceitos teóricos e práticos que justificam e esclarecem a associação entre a aprendizagem dos conteúdos aprendidos durante a formação acadêmica e de que maneira isso interfere e coopera para a prática docente, especificamente no estágio curricular obrigatório. Incluo também, reflexões acerca da importância de realizar este estágio, de que maneira o mesmo auxilia na preparação e transição do acadêmico para professor em uma escola, e a consciência da importância de seu papel e da função social da escola na sociedade.

Palavras-chave: Prática docente; Educação Física; estágio curricular obrigatório; professor; escola.

ABSTRACT

This undergraduate monography is motivated by the teaching experiences developed in the Teaching Practice in Physical Education throughout the 2022 school year. Through an independent study, I present theoretical and practical concepts that confirm and explain the relationship between the acquisition of learned content during the academic education and its mediation and interaction in educational practice, especially within the practice of the required internship curriculum. I also discuss about the importance of conducting this internship, in a way that assists in the preparation and transition from an academic to a teacher within a school, and the knowledge of the importance of your role and the social responsibility of a school within society.

Keywords: teaching experiences, Physical Education; required internship curriculum, teacher, school.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	9
1.1 TEMA.....	9
1.2 PROBLEMA	9
1.3 JUSTIFICATIVA	10
1.4 OBJETIVOS	10
1.4.1 Objetivo Geral	10
1.4.2 Objetivos Específicos	10
1.5. METODOLOGIA	10
2. A RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA: A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO EM CURSOS DE LICENCIATURA	12
3. DESAFIOS DE FORMAR PROFESSORES EM EDUCAÇÃO FÍSICA: AS EXPERIÊNCIAS EM DIÁRIOS DE CAMPO	16
4.CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
5.REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

1.1 TEMA

O tema surgiu durante a realização do estágio obrigatório desenvolvido na disciplina Prática de Ensino B, do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Paraná. Imersa no ambiente escolar, vivenciando o cotidiano de professores e estudantes da educação básica, surgiram muitas questões que me fizeram refletir sobre a prática docente. Destes, escolhi realizar um estudo sobre a formação acadêmica, problematizando a relação entre teoria e prática docente, na condição de uma estudante, ou melhor, de uma professora em formação da universidade podendo relacionar os conteúdos aprendidos em sala de aula com as aulas que futuramente poderei ministrar no ambiente escolar.

1.2 PROBLEMA

Dentro desta temática, me questionei de que maneira deveria adequar, adaptar e vivenciar isso diretamente como professora em uma escola, com crianças em situações reais de ensino e aprendizagem. Assim, a questão norteadora estabelecida foi: como relacionar os conteúdos que aprendi na universidade (muitas vezes conteúdos teóricos e expositivos) durante a prática das aulas de Educação Física? E esta questão teve uma resposta construtiva, que foi se preenchendo e lapidando a cada aula que eu ministrava, cada aprendizado e experiência foi um degrau a mais.

1.3 JUSTIFICATIVA

Durante o estágio, esse questionamento foi imediato e necessário para preparação de planejamentos e planos de aula: para que tudo isso? De acordo com Rute Nunes e Alex Fraga,

O estágio docência é fase importante para o desenvolvimento de um professor. E é requisito obrigatório na formação de um licenciado em Educação Física. Sem ele não há oportunidade de vivenciar a prática docente e seus desafios antes de os acadêmicos serem “arremessados” ao mercado de trabalho. (NUNES e FRAGA, 2006, p. 304).

Com certeza, algumas coisas só conseguimos aprender na prática, então eu trago um conjunto de experiências e relaciono com a formação acadêmica e de que maneira os

conteúdos, textos e artigos que li durante toda minha formação, me auxiliaram. E trago um questionamento se de fato é suficiente essa trajetória formativa das "disciplinas" para a efetiva formação de uma professora? Mostrando como foi em minha experiência realizar esse movimento pendular entre teoria e prática alinhado com as circunstâncias de uma escola e seu cotidiano real.

Acredito que este seja o momento crucial em que surge o professor mediador e a paixão pela docência, essa essência de lidar com o não planejado e com crianças e adolescentes, envolve muito mais do que conteúdos, envolve ser humano, aprender com erros, criar laços com seus alunos e por isso me aprofundei nesta vertente de estudo, relacionando saberes acadêmicos e a prática docente.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo Geral

Trago nesta pesquisa um objetivo geral que vem através de um questionamento “O que nos prepara efetivamente para a função de professor?” (NUNES e FRAGA, 2006, p. 298). O objetivo foi estabelecer reflexões, com base na literatura e na minha experiência durante a prática de ensino.

1.4.2 Objetivos específicos:

- Refletir sobre a relação teoria e prática;
- Relatar as vivências na escola durante o estágio supervisionado obrigatório.

1.5 METODOLOGIA

De acordo com Silva, Diehl e Molina Neto (2010, p. 1), as investigações na área da Educação e tematizando as Histórias de Vida, vêm conquistando visibilidade, a partir da década de 1980, quando “os estudos sobre o percurso de vida de docentes, que tratam de biografias, autobiografias, história de vida, narrativas de formação, trajetórias pessoais, dentre outros, vêm se multiplicando e adquirindo expressiva importância”. Dessa forma, esse estudo se caracteriza como um estudo autorreferente, utilizando a narrativa escrita e tendo

como inspiração a monografia de Lucas Azolini (2012). Para o autor, um estudo dessa natureza

[...] busca garantir o conhecimento do caminho percorrido na caminhada da formação docente, analisando além das experiências vividas, [...] compreender a forma como essas transcorreram, o porquê de cada reação e o reflexo das mesmas nas ações. Ao lançarmos mão da narrativa de nossa experiência, pretendemos aperfeiçoar o conhecimento e torná-lo mais efetivo em uma situação futura, a partir de situações passadas, já vividas. (AZOLINI, 2012, p.12).

As modalidades de narrativa, em especial a narrativa escrita, como afirmam Wittizorecki *et. al.* (2006, p. 11), da “conta das diferentes possibilidades de estudo e ferramentas que visam, em última instância, trazer à tona memórias, episódios, biografias, enfim reconstruir a história dos sujeitos”. Para os autores, a

capacidade de narrar a si mesmo, além de envolver a capacidade de refletir sobre a experiência vivida, pode ajudar a entender e a organizar a realidade social e, dessa forma, oferecer melhores condições para que os sujeitos possam transformar a própria realidade. (p. 23).

Ressalto ainda que o uso de autonarrativas nas atividades acadêmicas de formação de professores, como aconteceu comigo na Prática de Ensino, se torna válido pois esse exercício de “narrar-se é uma alternativa interessante de devolver ao professor [em formação] o protagonismo de sua trajetória” (WITTIZORECKI *et. al.*, 2006, p. 28). Foi possível, sentir o estágio por “outro ângulo, que não o da formalidade de currículo, mas sim sobre uma visão de dentro do mesmo, em que fosse possível ver a estrutura, a organização, os acertos e equívocos, além das lacunas existentes nessa prática educativa”. (AZOLINI, 2012, p.45).

As ações desenvolvidas ao longo da Prática de Ensino B consistiram em sete segundas-feiras seguidas, nas quais aconteceram as intervenções do estágio supervisionado obrigatório em uma Escola Municipal de Curitiba. Em cada uma dessas datas o trabalho ficou concentrado com cerca de duas “horas/aula” de atuação, sendo que cada aula tinha 55 minutos de “hora/relógio”, com cada turma.

Essa monografia está dividida em dois capítulos, no primeiro capítulo, são abordadas reflexões teóricas mostrando a relação entre teoria e prática na formação de professores. No segundo, relaciono minhas experiências e desafios nesse processo de formação de professores de educação física na Universidade Federal do Paraná.

2. A RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA: A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO EM CURSOS DE LICENCIATURA

Dou início a este trabalho, contextualizando e evidenciando a importância do estágio para que existe uma conexão entre a teoria e prática.

A atividade teórica é que possibilita de modo indissociável o conhecimento da realidade e o estabelecimento de finalidades para sua transformação. Mas para produzir tal transformação não é suficiente a atividade teórica; é preciso atuar praticamente. (PIMENTA, 1995, p. 63)

Concordando com Pimenta (1995), vejo que o conhecimento teórico é indispensável, porém para colocarmos esses saberes em prática necessitamos atuar de maneira prática na escola, por isso o estágio/prática de ensino é tão importante nos cursos de licenciatura. É preciso incluir o aluno da universidade no “núcleo do trabalho docente” (PIMENTA, 1995, p.63).

Dentro do currículo de formação é de grande importância o estágio obrigatório supervisionado, pois nos aproxima da realidade escolar e suas atividades cotidianas que acabamos não conhecendo somente nas aulas teóricas dentro da universidade.

Para os futuros professores, o estágio curricular supervisionado também corrobora com a formação profissional. É o estágio que torna favorável o envolvimento com a realidade escolar e seu contexto, permitindo a aplicação e reflexão dos conhecimentos adquiridos. A formação docente é potencializada com a prática do estágio, uma vez que é possível, ainda na graduação, o estudante articular toda sua teoria aprendida com a prática do cotidiano. (AZOLINI, 2012, p.19).

Pode-se afirmar que o estágio supervisionado funciona como uma ferramenta de potencialização de formação docente e profissional. A prática de ensino nos dá amplitude para visibilidade das possibilidades de conteúdos e metodologias dentro da disciplina da educação física, além de conhecimento da realidade de nossa profissão. Durante esse processo existe uma preparação do aluno da universidade para um amadurecimento como professor, para que quando exercer sua profissão se sinta seguro e preparado, o mesmo já estará ambientado com a realidade escolar e com o não-planejado. A prática do estágio se faz com toda certeza algo irrevogável no final do curso do universitário, como um “fechamento com chave de ouro”, o instigando e demonstrando a perspectiva do cotidiano de sua futura

profissão. Conclui-se que sim, o estágio supervisionado deve existir e se faz crucial para um bom início da carreira docente.

Para um grupo que recém iniciava seu estágio docência, imersos numa série de incertezas sobre o que haviam aprendido ao longo do curso, confrontados diante de uma realidade escolar bem diferente daquela que imaginavam nas disciplinas de caráter teórico-pedagógico, a expressão *alinhamento astral* resumia bem o sentimento geral de insegurança que assustava o grupo nas primeiras aulas. A busca pelo “alinhamento”, não só dos conhecimentos, mas também dos alunos àquilo que se propunha em aula, era visto como algo positivo e desejado por todos. Não se tratava, é importante salientar, de “alinhar” no sentido de pôr os alunos em ordem, endireitar, disciplinar, o que talvez pudesse remeter a um processo de mera disciplinarização dos corpos, mas sim no sentido de organização das “ideias” acerca do exercício docente. Um processo que ocorre lentamente, a partir de experiências e reflexões, onde é necessário, como diz nosso colaborador, “*ter uma sensibilidade para saber filtrar os conhecimentos*” (Colaborador, maio 2005). (NUNES e FRAGA, 2006, p. 307).

É preciso um equilíbrio e articulação dos conteúdos dentro da universidade, entre aulas teóricas maçantes e aulas práticas muito superficiais, durante a formação o próprio estudante deve saber organizar isso em sua mente e absorver o melhor de cada disciplina e metodologia aplicadas.

Mesmo com um currículo base, cada professor universitário tem sua estratégia de ensino e não existe uma maneira de impor um método específico e padronizado, não há uma “fórmula mágica de ensino”, além disso, cada aluno aprende de uma maneira diferente.

Estando em um curso superior se faz necessária a adaptação e discernimento para se organizar nos estudos e adquirir o conhecimento, não devemos deixar de lado a relevância dos estudos teóricos-pedagógicos, pois durante a universidade podem parecer ideias soltas mas na prática tudo terá lógica, e mais importante: se faz necessário, pois é durante o estágio que relembramos coisas que muitas vezes não demos a devida importância durante as aulas, e até mesmo nos faz refletir: “Ah, é aqui que isso se encaixa”, essa é a virada de chave que acontece no estágio e que se alinha com os saberes acadêmicos, a prática nos faz fluir e a teoria vai sendo lembrada de forma consciente ou inconsciente, mas é essencial portarmos esse acervo de teorias.

Tudo que se passa na universidade se faz útil durante a docência, não existe sequer um conteúdo que não podemos utilizar no ambiente escolar, desde jogos e brincadeiras à estudos de anatomia e fisiologia, cada saber tem seu papel essencial quando se fala de

complementar saberes e práticas. O que nos falta é clareza e direcionamento para alinhar tudo de uma maneira que nos faça mais sentido. A perspectiva que enxerguei tudo isso foi através de um texto trabalhado na Prática de ensino A, na Universidade Federal do Paraná. Eu obtive um resgate de todos os conteúdos desde o início da faculdade, e isso teve um termo através deste estudo: **Alinhamento astral**. O contexto de surgimento de tal expressão, se deu no curso de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e é assim explicado por Rute Nunes e Alex Fraga:

Numa das reuniões coletivas da disciplina na escola, um dos estagiários procurou resumir este sentimento de desarticulação entre teoria e prática logo nas primeiras aulas: “*O problema é que não estamos conseguindo fazer o ‘alinhamento astral’*”. Depois de uma risada geral do grupo, ele explicou que o conhecimento apreendido no decorrer da formação era como o *alinhamento astral*: todos nós sabemos da existência dos astros, conhecemos alguns deles, sabemos que há algum motivo para que estejam ali, e dispostos da forma como estão, mas não sabemos o porquê, nem o que os interliga. (NUNES e FRAGA, 2006, p. 298).

Sabemos que o estágio é o momento crucial para promover essa articulação de saberes, formando a identidade do aluno e o instigando a realmente sair da zona de conforto, obtendo um momento reflexivo em sua carreira academia. É um divisor de águas de transferência de papel de aluno que cumpre suas tarefas e obrigações universitárias para professor responsável por uma turma, por um plano de aula e criar seu próprio plano de ensino. Hora de pôr em prática tudo que aprendemos na universidade enquanto nos imaginávamos como professores, o sonho se tornando realidade.

Os Estágios, portanto, permitiriam às alunas conhecerem a realidade e compreenderem o que se realiza e como e também o que não e por quê. Há um movimento de formação crítico e reflexivo. (SILVA, 2021, p.8)

Além da oportunidade de conhecer o cotidiano escolar e sua rotina diária, também tive a oportunidade de vivenciar essa autonomia como professora da turma, sempre com supervisão da professora da escola campo de estágio e meu professor orientador da universidade. O primeiro passo foi a realização do plano de ensino, logo no início após escolher a turma que eu iria trabalhar marquei uma reunião com a professora da escola e nos sentamos para organizar os conteúdos a serem trabalhados.

O plano de ensino é nossa principal ferramenta como professores de educação física, é um documento muito importante, que serve tanto para prestar contas ao setor pedagógico da escola como para nos direcionar durante o semestre. No plano de ensino deixamos registrados quais são nossos objetivos, os conteúdos que serão trabalhados, que vão ser as estratégias de ensino, critérios e instrumentos de avaliação.

O plano de ensino é um documento mais amplo que serve como direcionamento mais generalizado para o semestre inteiro. Já o plano de aula é único para cada aula e devemos nos basear no mesmo para a realização da prática. Sempre deixar registrados quais seriam os objetivos da aula, qual foi a metodologia utilizada, qual vai ser o meio de avaliação e descrição da aula, como por exemplo: aquecimento, alongamento, parte principal, volta a calma, conversas com os alunos (esta ordem não é um padrão).

Da mesma maneira, aprender a montar planos de aula, outro guia do professor, onde estarão descritas as atividades planejadas, o objetivo que se pretende alcançar com elas e os materiais que serão utilizados em cada aula. (AZOLINI, 2012, p. 38).

É uma medida de precaução ter mais de uma opção de atividade no plano de aula, uma adaptação para que não fiquemos sem saber o que fazer caso ocorra algo que influencie nessa prática.

É importante ressaltar que, deve-se sempre planejar, concomitantemente ao plano de aula, um plano de aula “B”, visto que ao trabalharmos com pessoas, estamos envolvidos em um processo dinâmico de aprendizado. O professor de educação física, mais do que outros professores, tem a necessidade de desenvolver uma segunda opção, pois depende muitas vezes, das condições climáticas, por exemplo, para conseguir colocar em prática o seu plano. Sendo assim, montar um segundo plano faz parte integrante e fundamental da confecção do plano de aula. (AZOLINI, 2012, p.38).

Passo a desenvolver no próximo capítulo uma descrição da minha experiência, em particular, na prática de ensino da Universidade Federal do Paraná. Trago meus desafios e aprendizados, como articulei saberes do meu curso com a prática docente, o que me ajudou ou não, de que maneira eu estava preparada. Descrevo de forma mais, detalhada a riqueza de oportunidades e vivências que somente um estágio nos proporciona.

3. DESAFIOS DE FORMAR PROFESSORES EM EDUCAÇÃO FÍSICA: AS EXPERIÊNCIAS EM DIÁRIOS DE CAMPO

Início de 2020, surge um novo vírus causador da Covid-19, vírus que causou danos irreparáveis em todas as áreas do mundo, além de muitas mortes. Foram necessários o isolamento e o distanciamento social para evitar o contágio, e uma adaptação dos ambientes educacionais.

Nesse movimento necessário de distanciamento, as escolas e outras instituições educacionais, como a universidade, por exemplo, precisaram suspender as atividades presenciais. A partir da suspensão veio o movimento sistemático e complexo de discussão sobre como deveriam acontecer as atividades formativas a partir de então e, nesse ínterim, encontra-se o (re)pensar dos Estágios Supervisionados, nosso objeto de discussão neste texto. (SILVA, 2021, p. 1-2).

As escolas foram fechadas, as universidades também e daí surgiu o ensino remoto em ambas as áreas. Em 2021, iniciei a Prática de Ensino A, que em sua essência se faz de observações das aulas de educação física, o que não aconteceu devido a pandemia. Fizemos todas as aulas de forma remota, e as observações foram através de vídeos que os professores de redes estaduais e municipais gravavam e disponibilizavam aos alunos através da televisão ou no “youtube”.

Particularmente levei um tempo para obter um entendimento melhor de como funcionava a dinâmica da matéria e qual era seu objetivo. No decorrer da disciplina acabou que o estudo foi desafiador e maçante, além de um pouco frustrante por não ter sido presencial, pois eu tinha criado expectativas de estar no ambiente escolar e isso acabou não acontecendo. Mas ao concluir consegui identificar uma problemática e desenvolver qual era a temática investigativa. Para a observação das aulas eu escolhi a turma do 7º ano acompanhando aulas do canal Aula Paraná (aulas do ensino estadual), com o professor Peterson Viana e aulas de lutas do mundo. Conclui que não existem aulas práticas de lutas na rede estadual no ensino remoto, já nas aulas da rede municipal possuem aulas práticas que inclusive são muito criativas e acessíveis, fáceis de praticar.

Como sugestão para despertar mais interesse dos alunos e trabalhar as lutas de uma maneira mais interessante e dinâmica pode ser trazer mais vídeos sobre cada modalidade, e vídeos atualizados, de lutadores que são famosos, conhecidos, sobre lutas que estão em alta na mídia, trazer movimentos de cada luta que podem ser realizados de maneira individual e

acessível em casa, mostrando um vídeo das técnicas e o aluno pode realizar como um espelho e foi assim que conclui meu estudo de observação na Prática de Ensino A, sem muita perspectiva de que a Prática de Ensino B pudesse ser presencial, o contágio da doença estava muito instável e variante, não podíamos ter certeza de nada que aconteceria nos próximos meses.

Por fim as coisas foram tendo uma melhora, mas ainda com cuidados necessários como o uso de máscaras, distanciamento e álcool gel, mas sim, a Prática de Ensino B seria de forma presencial e isso me deixou muito animada e ansiosa para ir de vez para o ambiente escolar. A escola em que realizei a Prática de Ensino B é uma escola da Rede Municipal de Curitiba, onde trabalhei com duas turmas de 5º ano do ensino fundamental. A escola fica localizada no Bairro Boqueirão, possui uma praça ao lado, é uma escola bem grande, possui quadra coberta e aberta, campo de areia, parquinho, traves e balanço. A região é de classe média baixa, a maioria dos alunos chega caminhando e parecem morar próximo a escola. Por mais que a escola seja vinculada à uma praça, os arredores possuem pontos de prostituição, o que eu acredito que limite o uso da mesma. Para a educação física de maneira mais específica, conseguimos aproveitar bastante os diversos espaços da escola devido a sua amplitude e, ainda, a grande variedade de materiais para uso, todos bem-organizados e conservados.

Foram ao todo sete segundas-feiras seguidas com as intervenções, cada uma com 2hora/aula em média, cerca de 55 minutos com cada turma, abordando os temas abaixo relacionados:

QUADRO 1: CRONOGRAMA E SÍNTESE DAS INTERVENÇÕES

21.03.2022	Aplicação 1ª atividade para iniciar a aula
28.03.2022	Intervenção, aquecimento da aula e atividade acrobática
04.04.2022	Ginástica acrobática e trapézio
11.04.2022	Malabares - introdução com manipulação de lenços
18.04.2022	Manipulação e variações de lenços e argolas
25.04.2022	SISVAN - Sistema de vigilância alimentar e nutricional (coletar peso e altura dos alunos)
02.05.2022	Circuito com todas as atividades circenses como encerramento

Fonte: A autora (2023)

Nos primeiros dias na escola municipal, eu acompanhava as turmas de quinto ano, uma turma de segundo ano e uma turma de quarto ano. Isso acontecia antes da minha decisão de quais turmas eu iria trabalhar. Logo após as observações eu escolhi trabalhar com as turmas de quinto ano, como um desafio pois uma dessas turmas teria mais alunos com comportamento difícil de lidar. Escolhi duas turmas da mesma faixa etária justamente para realizar um estudo comparativo entre as turmas. Comparação no sentido de resposta a atividades aplicadas, como cada turma se comportava, como cada turma faria as atividades e suas preferências.

Comecei a me questionar como iria atuar nessas turmas, de que maneira os tratar, apesar de existirem algumas questões comportamentais em uma das turmas (já existentes previamente à minha chegada na escola) no geral a turma sempre foi muito receptiva comigo, sempre demonstraram muito interesse em saber mais sobre mim, quem eu era, porque eu estava ali e o que poderíamos construir juntos. Para todas as atividades que eu os passei se mostraram interessados, de acordo com o currículo trabalhei com ginástica circense, que a propósito é um tema em que eu não possuía muita habilidade e confiança, pois não é minha “especialidade” e essa disciplina tive bem no início da universidade então de certa forma não seriam conteúdos frescos em minha mente. Mas eu me aprofundei, relembrei e pesquisei mais sobre o tema, antes de iniciar pensei que seria mais difícil, mas foi um desafio satisfatório, onde adquiri muita experiência.

Pelo manifestado em algumas narrativas, temos que “o curso é teoria e prática o tempo todo”. Os Estágios, portanto, permitiram às alunas conhecerem a realidade e compreenderem o que se realiza e como e também o que não e por quê. Há um movimento de formação crítico e reflexivo. (SILVA, 2021, p.8).

A fim de esclarecer relação de teoria e prática este estudo também nos demonstra o papel da educação física na escola e na sociedade, nós como educadores temos a responsabilidade de além do conteúdo específico de cultura corporal de movimento da educação física, mostrar aos alunos e desenvolver um olhar crítico para sua formação como pessoa.

Uma alternativa que auxilia nesse processo é uma equipe pedagógica preparada para questões além de ensino de conteúdos na escola, uma boa relação com os pais e boa comunicação com os alunos, para que todos trabalhem em conjunto por um bem-estar social

melhor, tanto no dia a dia a relação aluno-professor e desenvolvimento dos alunos como um cidadão para que além de ser um cidadão crítico, seja questionador.

Sabemos que a estrutura em que estamos inseridos dita a ordem social, mas como professores e professoras nos propomos a construir uma resistência frente a estes ideais de educação hegemonicamente implantados hoje; e que não só a Educação Física, mas que a escola e a sociedade, necessitam redesenhar suas propostas para atender aos interesses das classes populares, para construir outras práticas culturais, novas relações humanas. Dessa forma, devemos buscar contribuir na formação de cidadãos críticos, autônomos e conscientes, capazes de intervir na realidade, que possam romper com estes mecanismos de discriminação apontados. (ALVES, 2006, p.130-131).

Compartilho aqui, relatos das minhas vivências durante o estágio curricular que acredito que foram importantes e me preparam para saber como lidar com diversas situações:

Diário de campo: Trabalhei com ginástica circense que era o que o currículo exigia no momento em que iniciei as aulas na escola, que a propósito é um tema em que eu não possuía muita habilidade e confiança, antes de iniciar pensei que seria mais difícil, mas foi um desafio satisfatório, onde adquiri muita experiência (DIÁRIO DE CAMPO, 15 abr. 2022)

O meu primeiro desafio foi o de trabalhar com o conteúdo que eu não possuía muito repertório, mas isso foi um instrumento para que eu me dedicasse e estudasse o assunto para me aprofundar e ter um bom desempenho nas aulas. Me sentia apreensiva e me questionando se eu realmente estava preparada para dar aula sozinha para uma turma, ainda não estava confiante e segura para a prática em si. De forma particular, meu principal apontamento era: E se o planejado sair do eixo? O que fazer? E foi justamente o que me ocorreu em vários momentos do estágio, onde algumas atividades os alunos aprendiam muito rápido e ficavam empolgados então o avanço era mais rápido ou vice-versa.

Diante disso, concretizei que os professores, com mais evidência na educação física, sempre devem ter um segundo plano, deixar pré planejada uma atividade extra ou uma variação para adaptação a fatores que podem interferir na aula.

Em alguns momentos como em demonstrações eu tive ajuda da professora da escola e até mesmo dos alunos, me equivoquei totalmente quando me deparei com esse tema e fiquei um pouco receosa, pois justamente depois de aprofundar e pôr em prática se tornou algo muito mais leve e satisfatório onde tivemos uma entrega dos alunos e muito interesse no tema de ginástica circense.

Diário de campo: Um aluno levantou a mão para dar uma sugestão de: “enquanto tiver alguém no carretel chutar para o colega cair” (DIÁRIO DE CAMPO, 14 mar. 2022)

FIGURA 1 – ALUNO NO CARRETEL



FONTE: A autora (2022).

Nesta situação de acordo com figura 1, estávamos fazendo práticas circenses com exercícios de equilíbrio e a professora levou a este carretel como material para auxiliar e variar os exercícios feitos em aula. Com a fala deste aluno sugerindo derrubar o colega enquanto estivesse em cima do carretel a professora da escola aproveitou a oportunidade e

levou a turma a refletir sobre esta ideia do colega. E questionou alunos se realmente isso seria o certo, como devemos tomar cuidado durante a ginástica circense, qual é a importância da nossa segurança e a segurança dos colegas.

Para mim, esse momento foi uma grande mudança de perspectiva e conduta em sala de aula. Logo de cara o comum seria apenas contradizer este aluno e dizer que isso não pode ser feito e reprimi-lo, mas eu creio que o papel do professor é de conduzir a reflexões sobre as ações e atitudes, então explicou o motivo e fez com que os alunos percebessem o correto a ser feito. Após essa discussão em sala fomos para a quadra e no início da atividade eu e a professora estávamos auxiliando os alunos segurando nas mãos ou dando o ombro de apoio para eles. Conforme foram se adaptando ao equilíbrio no carretel os próprios alunos começaram a ajudar uns aos outros, sem que as professoras precisassem pedir isso, e começaram a incentivar e encorajar a vivenciar a atividade de equilíbrio.

Foi necessário tempo para acalmar os alunos após o recreio pois estavam bem agitados, professora usou o termo "imatuross", com a mesma turma a professora separou os alunos em filas de meninos e meninas para voltar a sala. No final da fila aonde eu já estava sozinha com os alunos, um menino chamou o outro de "gay" por estar desatento e por estar na fila das meninas. (DIÁRIO DE CAMPO, 14 mar. 2022).

Neste mesmo dia já havia ocorrido a situação da segurança nas aulas de ginástica, e me senti segura para interferir sozinha nesse momento, pois a professora já estava na sala. Senti que o aluno que quis ofender o outro se sentiu confortável para o mesmo, pois a professora não estava perto e acho que pensou que eu não iria intervir. Aproveitei o momento para o questioná-lo sobre questões de gênero e respeito ao próximo.

Destaco que outra situação inerente ao profissional da educação na relação entre os alunos é o bullying, uma vez que o diagnóstico e o gerenciamento desse é realizado, também, pelo professor. (AZOLINI, 2012, p.32).

Mesmo não sendo a situação do momento, devemos respeitar as pessoas e sua orientação sexual e o menino que ficou na fila das meninas estava apenas desatento. A fala do menino me mostrou o quanto os princípios que vem de dentro de casa ou exemplos, fazem com que as crianças cresçam preconceituosas ou até mesmo intolerantes, meu papel sempre será de conscientização, conhecimento e criar o respeito entre os alunos para uma boa

convivência, independente de religião, orientação sexual, classe social ou outros fatores que nos fazem únicos e especiais.

Lembro de um caso específico de um aluno que no início do estágio tinha problemas com o comportamento, brigava com outros alunos, e participava das aulas sem muita animação. Com o decorrer do tempo eu e esse aluno nos aproximamos e criamos um vínculo afetoso, toda vez que me via vinha correndo me abraçar, me chamou até para visitar sua igreja.

Em um dos últimos dias que eu fui dar aula ocorreu uma situação em que ele brigou com um colega e o menino o ofendeu falando “pelo menos eu tenho mãe” e aquilo me deixou sem reação pois eu não sabia o que tinha acontecido com a mãe dele. Esse menino que era próximo de mim, empurrou o que o ofendeu, eu e a professora separamos a briga e ela foi conversar com os alunos, logo depois ela me contou que esse aluno perdeu a mãe há pouco tempo.

A partir disso toda a nossa trajetória de relação professor-aluno fez sentido para mim. No início ele era rebelde e revoltado, mas conforme eu fui ganhando e conquistando a confiança dele, nos aproximamos e ele começou a ser um dos alunos mais interessados nas aulas, fazia questão de me ajudar a pegar os materiais e no último dia disse que sentiria muita saudade de mim.

Creio que esse vínculo que criamos tem relação com uma carência que ele tinha perante a situação trágica que estava vivenciando, e eu mesmo sem saber de tudo isso ajudei ele de alguma maneira. Essa é a essência de ser professor, criar laços com seus alunos, cuidando deles, sendo amiga e uma pessoa em que eles confiam se sentindo seguros, eu o ajudei nem sabendo que ele precisava de ajuda.

FIGURA 2 – AULA DE GINÁSTICA ACROBÁTICA



FONTE: A autora (2022)

Trouxe aqui, relatos do meu diário de campo e situações que vivenciei, que acredito que necessitavam de um maior destaque. Dentro desses conjuntos e nas entrelinhas dos mesmos, existiu uma riqueza de informações e experiências que eu poderia ter obtido de maneira exclusiva em um estágio. A vivência no cotidiano escolar e prática docente é a melhor maneira de um estudante de educação física se envolver com a realidade de sua futura profissão, perceber o que vira pela frente e contribui para “a formação da identidade profissional.” (SILVA, 2021, p.3).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como articulação da problemática dentro das minhas intervenções eu via dentro de cada situação específica o que poderia ser feito. Em primeiro lugar manter a calma e continuar conduzindo a atividade para os alunos que estão envolvidos na mesma, o contrário disso não deve ser feito, por exemplo: parar a atividade chamar a atenção do aluno pelo nome na frente de todos, pois isso acaba expondo e ridicularizando o mesmo diante da turma. Como alternativa para amenizar esses problemas eu vi como uma válvula de escape pedir para que esse aluno me ajudasse durante as aulas, incluindo ele no momento de mostrar um movimento ou auxiliar no momento de pegar os materiais. Isso fez com que ele se sentisse útil e fosse um exemplo para a turma.

Além disso devemos criar uma relação de amizade e confiança com o aluno, demonstrando a ele que estamos dando um voto de confiança, uma chance de melhorar, cativando o mesmo e despertando interesse pelas práticas a serem vivenciadas. Infelizmente em casos mais complicados apenas podemos resolver com reunião com os pais junto da equipe pedagógica e professora regente. Em minha opinião esses comportamentos podem ser uma forma de pôr pra fora as frustrações que eles têm na vida pessoal e também nas outras aulas com a professora regente, pois a turma que mais apresentou comportamentos desse tipo é a turma que a professora regente é mais ríspida e autoritária, impunha as coisas para que eles fizessem. Até mesmo um dia eu a vi gritando com eles e acredito que seja uma carência de carinho e paciência, o que acaba deixando-os com essa euforia que aflora na educação física. Exemplos de comportamentos que atrapalhavam a aula: uma aluna batia na outra, xingavam com palavrões, quebravam o material da aula, corriam para fora do espaço pré-determinado, e até mesmo pegar o objeto do colega e colocar na boca e não querer devolver, esses são exemplos do que aconteceu nesse tempo na escola.

É claro que quando soube que iria para a escola criei uma expectativa e chegando lá me deparei com uma outra realidade. Mas creio que consegui me adaptar ao clima da turma e sentir as coisas que estão apenas no chão da escola, coisas que podemos saber apenas ao vivenciar no ambiente e rotina escolar.

Sinto que fui muito abraçada pela professora supervisora da escola para me induzir ao aprendizado e muito bem recebida pelos alunos. Foi aberta uma grande porta que

oportunizou muito ensinamentos. Porém de maneira geral o estágio da Prática de Ensino B superou as minhas expectativas, aumentou a minha paixão pela profissão e o anseio por trabalhar na escola em breve, me fez enxergar que existem possibilidades de aprofundamento de temáticas diferentes.

Os alunos foram participativos e empolgados e o objetivo de vivência de ginástica circense foi contemplado com êxito, além da conexão que tive com eles e relação sentimental como aluno e professora. Sou extremamente grata por tudo que vivi nesse pouco tempo e fico animada para o que vem pela frente após minha formação e início de carreira como professora.

Acredito que durante a minha vivência na Prática de Ensino B tive uma oportunidade de ampliar meus conhecimentos e colocar em prática o aprendizado adquirido da maneira mais real possível. “... tive extrema autonomia para planejar e realizar as atividades de aula da forma que acreditasse ser a mais adequada” (AZOLINI, 2012, p.39).

Com auxílio da professora supervisora responsável pelas turmas que convivi e do professor orientador da disciplina na Universidade Federal do Paraná, que fazia a supervisão eu tive todo suporte que precisei, esse tipo de estágio proporciona liberdade para experimentação da profissão e desafios da docência, é como uma autoavaliação onde você tem autonomia para planejar as aulas, mas com um direcionamento e auxílio.

Eu acredito que sim, deixei minha marca nessa escola, foi muito gratificante e marcante o último dia que fui para me despedir dos alunos e todos me abraçaram e falaram que sentiriam minha falta e alguns ainda não entendiam por que eu não poderia mais ficar ali e novamente eu expliquei que estava “treinando para ser professora” como eles diziam.

Realmente, foi um grande treino e aquecimento para o que me aguarda em um breve futuro docente, me sinto preparada e empolgada para dar o meu melhor nessa linda profissão. Novamente deixo registrada minha gratidão por este estágio, digo que o mesmo foi uma “virada de chave”, um “choque de realidade” que eu precisava, pois foi uma experiência única e rica de detalhes que nos preparam de uma forma genuína e especial para ser professor.

5.REFERÊNCIAS

- ALVES, Melina Silva. Educação Física e Formação Humana: uma reflexão a partir da Prática de Ensino e da vivência com a metodologia crítico-superadora. **Revista Motrivivência**, Ano XVIII N° 26, p. 127-138, jun./2006.
- AZOLINI, Lucas Carneiro. **O estágio supervisionado na formação do professor de educação física**: um estudo autorreferente de um estudante da ESEF da UFRGS no ano de 2012. 2012. 50 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física). Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- FERNANDES, Amanda Paula; JÚNIOR, Admir Almeida. De cadernos a pipocas: produzindo novos sentidos para os registros no estágio supervisionado. In: **IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte/XII Congresso Espírito Santense de Educação Física**. 2012.
- LIMA, Maria Socorro L. Reflexões sobre o estágio/ prática de ensino na formação de professores. **Revista Diálogo Educacional**, vol. 8, núm. 23, janeiro-abril, 2008, pp. 195-205. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189117303012.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2023.
- NUNES, Rute Viégas; FRAGA, Alex Branco. “Alinhamento astral”: o estágio docente na formação do licenciado em educação física na ESEF/UFRGS. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 297-312, 2006.
- PIMENTA, Selma Garrido. O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n.94, p. 58-73, ago. 1995. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/612.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2023.
- RODRIGUES, Leonardo Lima; BRACHT, Valter. As culturas da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 32, p. 93-107, 2010.
- SILVA, Américo Junior Nunes. O estágio curricular supervisionado na formação de professoras e professores: o que revelam algumas produções escritas? **Pensar a Educação em Revista**, Florianópolis/Belo Horizonte/Ouro Preto, ano 7, v. 7, n. 1, jan.-mar 2021.
- SILVA, Lisandra Oliveira; DIEHL, Vera Regina O., MOLINA NETO, Vicente. Narrativa escrita: relacionando a produção de conhecimento e a formação docente. In.: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, 4, 2010, São Paulo.
- WITTIZORECKI, Elisandro Schultz *et. al.* Pesquisar exige interrogar-se: a narrativa como estratégia de pesquisa e de formação do(a) pesquisador(a). **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n.2, p. 9-33, mai./ago., 2006.